

ENTREVISTA COM O ESCRITOR E CINEASTA CUIABANO WULDSON MARCELO: LITERATURA E AUDIOVISUAL COMO VIVÊNCIAS DA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

Francisco Xavier Freire Rodrigues¹
Maureci Moreira de Almeida²



Fonte: Maureci Almeida. Foto produzida quando o escritor estava gravando um documentário na Arena Pantanal sobre a torcida Boca Suja do Mixto Futebol Clube em 2023.

Wuldson Marcelo é cuiabano, formado em filosofia, mestre em Estudos de Cultura Contemporânea e membro fundador do Quariterê: coletivo audiovisual negro de Mato Grosso. Também é contista e cineasta. As principais obras literárias são: *Subterfúgios Urbanos*, de 2013; *Obscuro-Shi: contos e desencontros em qualquer cidade*, de 2016; *As luzes que atravessam o pomar e outros contos*, de 2018. Ainda será publicado este ano, 2024, seu novo livro com o título: *Se quer que algo mude, não se cale!* Foi organizador da coletânea de contos e poesias *Beatniks, malditos e marginais: literatura na Cidade Verde* (2013). Suas produções audiovisuais têm os seguintes filmes: *Se acaso a tempestade fosse nossa amiga, eu me casaria com você* (2015), e *Kintê — ou quando meu pai me ensinou o ABC do mundo* (2021). Foi roteirista do curta-metragem: *A Primeira Morte de Pedro* (2015). Desse modo, produz arte não apenas lançando mão da escrita, mas sobretudo da imagem por meio do audiovisual. Com esses recursos, narra suas histórias conectadas com a problemática da existência humana. Um dos enfoques de suas obras diz respeito à questão racial na perspectiva decolonial.

O volume de criações literárias e de audiovisuais têm uma produção sem precedentes no mundo atual. Há uma quantidade enorme de livros publicados anualmente. É a mesma situação de filmes e documentários que têm também uma

¹ Doutor em Sociologia, professor adjunto do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso (ICHS/UFMT). E-mail: fxsociologo@yahoo.com.br

² Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO/UFMT), Bacharel e Licenciado em Filosofia. E-mail: mauro_klug@hotmail.com

abundância de obras. No entanto, nesta entrevista não abordaremos essa gigantesca indústria cultural que visa não apenas ao entretenimento, mas sobretudo gerar lucro. Queremos, sim, para além dessa indústria cultural, oportunizar o diálogo com um escritor, cineasta e intelectual negro que tem produzido arte na *Cidade Verde* como expressão de uma identidade que está em constante movimentação. O foco de seus trabalhos está centrado nas questões sociais que dinamizam o cotidiano das pessoas comuns da Cuiabá do século XXI.

Assim, para tratarmos da questão da literatura e do audiovisual como experiências da vivência artística, convidamos para um diálogo aberto e muito rico o escritor e cineasta cuiabano Wuldson Marcelo. É uma figura que contribui muito com a cultura do lugar onde vive sua arte.

A seguir, a entrevista com Wuldson Marcelo:

1 - Cuiabá, Família, época de Estudante, paixão pelos Livros, Futebol

Maureci Almeida – Gostaria de iniciar nosso diálogo agradecendo sua disponibilidade em reservar um tempo para falarmos da pessoa, artista, intelectual e militante negro, que está inserido na paisagem e no contexto da cultura cuiabana. Meu muito obrigado, prezado amigo. Seria importante ainda destacar que fizemos juntos o curso de graduação em filosofia na UFMT no início dos anos 2000. Fomos da segunda turma. Entrei cheio de expectativas nesse curso. Lembro-me de você em sala de aula. Tal como eu, era tímido e reservado. Mas ganhamos destaque junto à turma quando obtivemos uma nota alta na disciplina, se não estiver enganado, de Introdução à Filosofia, ministrada pela intelectual, pesquisadora e professora Maurília Valderez. Recordo que, de um total de 55 estudantes, apenas 4 ou 5 conseguiram uma boa nota. A professora era muito exigente em relação à disciplina que lecionava. Enfim, tempos bons que não voltam mais. Mas agora gostaria que contasse um pouco de você. Onde nasceu? Como foi sua infância?

Wuldson Marcelo – Bela lembrança, meu amigo! Lembro-me de que essa tarde foi um misto de suspense, constrangimento e alívio, já que a professora entregou os trabalhos a partir das notas mais baixas. Foi um dia longo, mas com um final recompensador. Pelo menos para nós. Certo modo, o resultado na nossa primeira prova no curso de Filosofia tem a ver com a minha infância, que foi de muita leitura. Lembro-me de brincar e

estudar quase na mesma medida. Eu nasci em Cuiabá, e cresci em quintais. Pegando frutas no pé, principalmente manga, abacate, caju e jabuticaba, e brincando com minha irmã e o meu irmão. Éramos bastante imaginativos. Brincávamos de queimada, esconde-esconde, etc. As brincadeiras populares, mas boa parte da nossa energia era gasta inventando histórias, como se fossem novelas ou filmes de ficção científica. Desde aí já tinha a predileção em criar mundos e narrar vidas. Apesar dos contratempos e dos contrassensos que marcam a existência das famílias nucleares brasileiras, posso afirmar que tive uma infância feliz, muito estimulante, que às vezes provoca certa nostalgia.

Maureci Almeida – Como é sua família, pai, mãe e irmãos? Já conversei com seu pai e sua mãe quando, eu e minha esposa, fomos visitá-lo em sua casa. Isso já faz algum tempo.

Wuldson Marcelo – Meu pai, Benedito, é um mecânico aposentado, que acreditou no valor da educação como ferramenta transformadora da vida. Ele e minha mãe, Joarlete, sempre incentivaram os filhos a buscarem o melhor para a vida de cada um. Ainda que houvesse cobranças, algumas pesadas. Não influenciaram ou tentaram impor nada em nossas decisões, escolhas de carreira. Crescemos responsáveis porque confiaram na educação que eles puderam nos proporcionar. Meus pais desde cedo ensinaram que nós três, meus irmãos e eu, o que temos de mais importante somos nós. Daí vem o apego que temos uns pelos outros. Meus irmãos são o meu alicerce e porto seguro. Recorro a eles na alegria e na tristeza. Temos uma união muito grande. Wender é publicitário e poeta. Um poeta que há muito tempo merece um livro para chamar de seu. Juliene é jornalista e uma das pessoas mais inteligentes e críticas que conheço. Se tenho algo hoje, que posso classificar como “carreira”, é graças a essa base, que te dá a chance de fracassar e continuar tentando, errar, reavaliar o caminho e olhar para frente.

Maureci Almeida — Wuldson, uma pergunta que instiga a curiosidade das pessoas é sobre a época de estudante dos artistas e intelectuais no período escolar. Notadamente, em relação à escola do ensino fundamental e ensino médio. Como era você nesse ciclo da vida?

Wuldson Marcelo – Tímido e estudioso. Mas não eram características que me afastavam das pessoas e nem afastavam as pessoas de mim. Geralmente, eu concluía o ano letivo com um bom número de amigos. A minha mãe não gostava de nos ver ociosos quando era hora de estudar e já tínhamos completado a tarefa. Então ela me mandava ler os textos das aulas de interpretação. A maioria formada de contos. Eu não peguei ranço de leitura, por entendê-la como obrigação ou castigo. Ao contrário, gostava muito de ler. E eu jogava futebol, principalmente no recreio. Esses eram os momentos em que me soltava e conversava, xingava e vibrava. Futebol tinha esse dom de unir os meninos. No ensino médio, não era muito diferente. Não era muito de sair, mas fui em algumas festas. No geral, conversava sobre animes, que foi um *boom* na época de Cavaleiros do Zodíaco, jogava futebol de salão e estudava muito.

Maureci Almeida – Em quais escolas estudou?

Wuldson Marcelo – Do primeiro ao quarto ano, fiz em uma escola particular no CPA II. Fiz a 5.^a série em uma escola estadual, Dione Augusta. Já na 6.^a voltei para a particular, no Centro de Cuiabá, Positivo PRES. Sétima e oitava séries foram novamente em escola pública, dessa vez no CPA II, na escola estadual Benedito de Carvalho. E o ensino médio também foi no estado, no Cesário de Figueiredo Neto. Não fiz a pré-escola, entrei direto na 1.^a série. E tive uma reprovação no 1.^o ano do ensino médio, numa época em que adorava jogar futebol mais do que tudo e sonhava em ser jogador profissional.

Maureci Almeida – Qual era o seu maior interesse na escola?

Wuldson Marcelo – Eu gostava muito das aulas de redação, principalmente da possibilidade de tratar de algum assunto sério por meio da ficção. Lembro-me de gostar de alguns hábitos que envolviam o ir para a escola: acordar cedo, assistir desenho, tomar café da manhã, o caminho para a escola, colegas, jogar futebol no intervalo e pegar ônibus de volta para casa.

Maureci Almeida – Em relação aos seus interesses, sobretudo no campo da literatura, você acredita que iniciou, vamos dizer assim, nesse primeiro espaço formal educativo?

Wuldson Marcelo – Sim, totalmente. A minha mãe me colocava para ler, antecipando as atividades posteriores envolvendo interpretação de textos. Eu acho que lia pelo menos um continho por dia, também gibis. Tinha as aulas de redação, que era o momento de exercer a criatividade. Além disso, os livros da coleção Vaga-lume. Eu lia muito essas aventuras infantojuvenis, principalmente os que estavam com a minha irmã, que era dois anos mais velha do que eu.

Maureci Almeida – Então, você foi uma criança/adolescente que leu muito. Em média, quantos livros? E qual gênero preferido?

Wuldson Marcelo – Sim. Livros infantojuvenis e gibis, muito gibis. Além da revista Placar. Trocava revistas na adolescência. Lia Pedro Bandeira, na época. *Pântano de Sangue e Anjo da Morte*. Acho que foi o primeiro que eu deva ter pensado “gosto deste escritor”. E foi o tempo em que o cinema entrou na vida, que os filmes deixaram de ser mero entretenimento. Acho que lia entre oito e dez livros por ano. Pensando bem, talvez não fossem tantas obras lidas durante o ano, dividia meu tempo com o cinema e o futebol.

Maureci Almeida – Quero encerrar este bloco perguntando como nasceu a paixão pelo time do coração. Teve influência de seus pais? Dos parentes? De algum esportista? Sei que seu time tem certo engajamento em questões sociais. Isso influenciou também na escolha, no despertar do interesse?

Wuldson Marcelo – Meus pais são flamenguistas. E não me lembro de nenhum parente fanático pelo Corinthians. Eu descobri a Democracia Corintiana só em 1988, sendo o ano em que me recordo de pensar de modo apaixonado, sincero e enfático, “sou Corinthians”, com o título do Paulista daquele ano. Mas a história política não foi determinante e nem teve um peso nesse amor nascente, definitivo, colossal. Acho que foi mais a raça e a superação dos jogadores daquele elenco. Parecia que tudo no Corinthians era mais sofrido, emocionante, na iminência de dar errado e, no final, vinham a vitória e o título.

2 - Formação Acadêmica, influências Filosóficas, centro Acadêmico, Zygmunt Bauman, Audiovisual e Filosofia

Maureci Almeida – Gostaria agora que falasse sobre a sua formação acadêmica. Sabemos que a maioria das pessoas negras, mesmo atualmente existindo as políticas de ações afirmativas, enfrenta mais dificuldades de ascender nos estudos, impactando diretamente suas condições econômicas e sociais. E isso ocorre não por preguiça delas, ou por falta de perspectiva “empreendedora” – como está na moda dizer hoje em dia – entusiasmo ou mesmo projeto de vida, como alguns *coach*’s parecem insistir em pregar. O racismo estrutural existente no Brasil impõe diversos obstáculos aos jovens negros e negras. Um dos principais empecilhos, pelo menos, a meu ver, está relacionado ao trabalho. Desde tenra idade, meninas e meninos negros no Brasil já precisam encontrar formas de auxiliar no sustento familiar. Para muitos, isso serve quase como um desestímulo na busca por uma formação acadêmica. A prioridade é a sobrevivência. Mesmo assim, aqueles que juntam forças sobre-humanas para realizar seus sonhos de ter uma boa formação acadêmica, são obrigados a conciliar trabalho e estudo. É sempre uma luta. Para você, como foi a formação acadêmica? Quais foram as forças que te animaram a fazer uma faculdade?

Wuldsen Marcelo – Meu pai é um mecânico aposentado que sempre valorizou o conhecimento. Lutou muito com a minha mãe para ter os três filhos na universidade. Ter os filhos com diploma nas mãos e donos dos seus destinos. Eu levei três vestibulares para ingressar na UFMT. Meu curso do sonho não tinha na época, que era Audiovisual e Cinema. Tentei para Rádio e TV por conta da possibilidade de usar câmeras. Porém, entrei na segunda turma de Filosofia, por paixão ao pensamento, à possibilidade de confrontar com visões de mundo. Sabia que faculdade significava um campo de disputa e que é difícil para as negras e negros, por vários fatores, que passam pelo emocional e pelo financeiro. Em um campo do conhecimento elitista, o qual é a Filosofia, o meu desempenho chamava a atenção e causava incredulidade e surpresa. Tive que lidar com todo o tipo de sentimento. Mas não cheguei a ter dúvidas, de me perguntar “o que estou fazendo aqui?”, que pode chegar a ser pior do que sentir medo. Ter a minha irmã cursando jornalismo e o meu irmão na faculdade de Letras, um tempo depois, acredito que me fortaleceu ainda mais, por ser um ciclo, uma jornada que passaríamos praticamente juntos.

Maureci Almeida – E por que escolheu fazer filosofia? Quais os caminhos que te levaram a ela?

Wuldsen Marcelo – A filosofia entra na vida pela literatura de Jean-Paul Sartre, com *A Náusea* e a trilogia de novelas *Os Caminhos da Liberdade*. Na verdade, até antes com o *Ser ou Não Ser, eis a Questão* de Hamlet e o filme *Blade Runner*, que nos pergunta: “O que é ser humano?”. Acho que a arte me levou à filosofia. Pensar sobre a existência é o que definitivamente me conduziu à filosofia.

Maureci Almeida – Quando cursei filosofia, em certa altura, me interessei pela leitura dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer. Inclusive, meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a indústria cultural. Quem ministrava as aulas com foco nos frankfurtianos era a professora Sara Juliana Pozzer, que se tornou, com o passar do tempo, uma amiga muito querida. Tínhamos até um grupo de estudos do qual você fazia parte também, pois tinha interesse pelos referidos filósofos. Produziu um trabalho de final de curso muito interessante. Poderia comentar um pouco sobre isso? E outra questão: além desses filósofos, quais outros influenciaram na sua trajetória de formação filosófica?

Wuldsen Marcelo – Interessava-me “A Escola de Frankfurt” para pensar desejo e necessidade no consumo da arte. Mas o meu objeto de estudo foi a indústria cultural, com foco no público, como receptor e consumidor no mercado da arte, de uma ideologia liberal. Pensar a arte como reflexão de um estado de coisas, a possibilidade de ser libertadora, seja de qual ideologia. Além dos frankfurtianos, acredito que Sartre e Nietzsche. Pelo menos na graduação. Mais tarde, principalmente algum tempo antes e durante o mestrado, conheceria autores contemporâneos que nem mencionados foram na graduação, como Merleau-Ponty, Michel Serres, Vilém Flusser e de outros campos do conhecimento, como Zygmunt Bauman, Néstor García Canclini. E hoje, longe das

minhas referências iniciais, Lélia Gonzalez, Achille Mbembe, bell hooks³ entre outros. Muita coisa para pensar, abraçar e abandonar caso decida fazer, um dia, o doutorado.

Maureci Almeida – Durante o período em que cursava filosofia, minha vida acadêmica era bem limitada por questões pessoais, restringindo-se basicamente às aulas. Além do que, eu também fazia um curso no Cefet-MT, que antigamente chamava-se Escola Técnica, e que agora é conhecido como IFMT. Dito isso, como foi sua trajetória acadêmica? Quais eventos ou movimentos importantes participou nesse período? Pertencia ao centro acadêmico universitário?

Wuldson Marcelo – Fiz parte do primeiro Centro Acadêmico de Filosofia, na coordenação de Comunicação. Frequentava muito a biblioteca, era o meu lugar favorito na UFMT. Mas minha atuação de destaque, por assim dizer, fora da sala de aula, foi o “Jornal Caos Sophia”, criado por Renata Braga e por mim, com a professora Sara Juliana Pozzer da Silveira como coordenadora geral. Foi um período bastante ativo, apesar das poucas edições que tivemos em quase quatro anos, desde a fundação do jornal, depois de um ano do início do curso, até as últimas semanas da colação de grau.

Maureci Almeida – Lembro-me bem do “Caos Sophia”. Inclusive, cheguei a contribuir com algumas charges com foco na filosofia. Ainda tenho três ou quatro exemplares impressos. Wuldson, sei que, após cursar filosofia, fez mestrado em Estudo de Cultura Contemporânea – PPGECO/UFMT. Você estudou e pesquisou um importante autor que necessariamente não é da filosofia, mas tem uma abordagem muito especial ao pensar o mundo atual. Poderia dizer como chegou até ele? E qual foi seu objeto de estudo ao pesquisar sua obra?

³ “” bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas [...]. A justificativa, encontrei depois numa frase da própria bell: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Para ela, nomes, títulos, nada disso tem tanto valor quanto as ideias”. SANTANA, Andreia. **bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas**. Disponível em: <<https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>> Acessado em: 18 mar. 2024.

Wuldson Marcelo – Por mais curioso que possa parecer, cheguei ao Zygmunt Bauman em conversas com o psicólogo Luiz Alves Correa, que, na época, 2009 para ser exato, era meu terapeuta. E era um assunto que me fascinava, como a vida se tornou mais acelerada e as relações humanas cada vez mais frágeis. Tomando contato com a noção de modernidade líquida cunhada por Bauman, percebi que poderia engendrar um diálogo entre o autor e pensadores contemporâneos a partir de cinco temas norteadores: globalização, fronteiras, identidade, ideologia e fragilidade das relações humanas. Quando falamos em mundo híbrido, parece que os encontros entre culturas geram tolerância e um consumo benéfico para ambas as partes, porém o que temos é um acirramento dos nacionalismos e do consumo exploratório, e não de troca cultural e do respeito integral do Outro. Em última instância, era uma dissertação que tinha um tom meio pessimista.

Maureci Almeida – Realmente, o caminho que te conduziu aos textos de Bauman foi muito peculiar. Você me contou certa vez que um crítico, ao analisar sua dissertação, sugeriu a publicação dela como uma contribuição relevante na introdução do pensamento de Zygmunt Bauman. Bem, ainda em relação à sua formação: por se interessar pelo audiovisual, fez curso na área? Quais foram os motivos que o levaram a se interessar pelo audiovisual? Existe alguma relação com a filosofia?

Wuldson Marcelo – Eu me interesso por audiovisual desde os 13 anos, sempre foi o meu curso dos sonhos, por assim dizer. Sonho, não. É o que me impulsionava. Minha literatura tem uma linguagem que deve muito ao cinema. Cinema é uma arte que me instiga. Entendo o cinema como uma arte que engloba todas as outras, assim como a filosofia contribui para a reflexão de todas as outras ciências. O que me leva ao audiovisual é a possibilidade de contar uma história, de conseguir unir uma sequência de imagens que fará sentido. Talvez o que vincule a filosofia ao cinema, pelo menos quando a filosofia me ajuda a pensar em um filme, são duas questões: sentido e liberdade, o que nos leva a um compromisso ético no fazer fílmico.

3 - Produções Literárias, autores *Beatniks*, malditos e marginais, visada Decolonial, artista Negro, interesse por Filmes, Audiovisual pode mudar vidas

Maureci Almeida – Gostaria que relatasse um pouco sobre suas produções literárias. Quais são e se haveria um enfoque comum entre elas?

Wuldsen Marcelo – Tenho três livros de contos publicados. *Subterfúgios urbanos*, sendo de 2013, foi lançado pela editora Multifoco, do Rio de Janeiro. *Obscuro-shi: contos e desencontros em qualquer cidade*, de 2016, que foi lançado pela Carlini & Caniato, de Mato Grosso. E, por último, *As luzes que atravessam o pomar e outros contos* infantojuvenil, da TintaTinta, sendo o selo da Carlini & Caniato para obras voltadas para o público infantil e adolescente. Após ser selecionado em uma antologia de contos, decidi juntar os títulos que já tinha concluído e enviar para avaliação da Multifoco. Ter um livro avaliado é uma montanha-russa de emoções, com muitos momentos de “vai dar certo” e de ansiedade. Meus dois próximos livros foram com verba pública, da prefeitura de Cuiabá. Uma questão que permeia os contos é a de como lidamos com as nossas escolhas. São personagens negros nos quais a cor não toma o primeiro plano e como os centros urbanos são desafiantes e viciantes. Geralmente, amor, fuga de uma vida angustiante ou violência são os ingredientes que movimentam as(os) protagonistas. Cada escolha é uma renúncia, uma consequência ou um acerto.

Maureci Almeida – Em uma de suas obras, a pessoa que faz sua apresentação biográfica pontua que tem preferências por autores *beatniks*, malditos e marginais. Quem seriam esses autores? Acredita que sua produção artística estaria gravitando próxima a deles?

Wuldsen Marcelo – São autores que admiro, que vão de Edgar Allan Poe a John Fante, passando por Jack Kerouac e Dalton Trevisan. Não acredito que minha literatura grave em torno desses autores. Tem muito da literatura policial, com discussões éticas partindo de personagens que estão à margem. Sou um leitor do que envolvi o movimento *beatnik*, de autores tidos como malditos e da literatura marginal, a dos anos 1970, ali com Chacal, Cacaso, por exemplo, e do que foi e é produzido nas periferias brasileiras. Mas nem sempre predileção literária se traduz em influência. Meus diálogos na literatura são com outras e outros, e bem diversificados. Me interessa propor interrogações sobre o existir nas metrópoles.

Maureci Almeida – Em sua obra, há abordagem com uma visada decolonial? Se for o caso, poderia explicar em qual perspectiva ela se manifesta?

Wuldson Marcelo – Não sei se propriamente decolonial. Ou pelo menos não há a intenção de carimbar um selo decolonial. Mas muitos contos partem de uma perspectiva de mostrar a diversidade cultural do Brasil e do mundo, em um movimento contra-hegemônico. Uma literatura incompatível com preconceitos étnico-raciais, com homofobia, misoginia e classicismo. De experiências que são raciais, por mais que eu não determine “esse corpo é negro”, mas esse corpo é *racializado*, é forte e resiliente. É um viver na fronteira, com resistência e resiliência.

Maureci Almeida – Como é ser um artista negro em uma cidade como Cuiabá ou em um estado como Mato Grosso?

Wuldson Marcelo – Cresci sem referência local de escritores ou roteiristas negros. Ser negro em um ambiente dominado por brancos é saber que você se verá sozinho em um determinado espaço. Mas é entender que antes alguém desbravou o lugar e que, quando você ocupa esse lugar, passa a ser esse espelho que tanto procurava. Então, é desafio e compromisso, às vezes solitário. Mato Grosso é um estado elitista, classista e há um predomínio de homens brancos, heterossexuais, de classe média nas artes. E, como há muita reclamação contra as ações afirmativas, sabemos que eles gozam e querem manter seus privilégios. Ser um escritor negro em terras cuiabanas é respeitar os ancestrais e entender que a resistência ao racismo é uma luta coletiva, de *aquilombamento* mesmo. Hoje, sinto-me feliz por encontrar minhas companheiras e companheiros de luta no Instituto Quariterê, que começou como um coletivo em 2017, um coletivo audiovisual negro. Ainda não temos essa experiência na literatura. Quem sabe em um futuro próximo, muito breve mesmo.

Maureci Almeida – Recordo, quando estudávamos juntos na UFMT, do seu gosto por filmes. Inclusive produzia interessantes resenhas críticas deles. Nesse contexto, em que momento você passa de um espectador interessado nas narrativas fílmicas para um roteirista e produtor de audiovisual?

Wuldson Marcelo – Tem vários cineastas que admiro que começaram na crítica, como Truffaut, Jacques Rivette, Godard, Kleber Mendonça Filho, e pensar sobre o fazer fílmico sempre foi algo que me interessou. Em 2011, fui convidado para ser colunista do blog Revista Biografia, e mais tarde, para escrever no Jornal Diário de Cuiabá, em 2014. Chego ao audiovisual pela cinefilia e pela crítica. Na época, a minha condição financeira não possibilitava fazer um curso de cinema, então o que poderia fazer naquele momento era expandir o meu conhecimento teórico. Após lançar o meu primeiro livro de contos, em 2013, conheci a galera que formava o coletivo audiovisual Miraluz Films e recebi um convite para contribuir em um roteiro, *A Primeira Morte de Pedro*. Em seguida, escrevi meu primeiro roteiro, gravado pela Miraluz, *Se Acaso a Tempestade fosse nossa Amiga, eu me Casaria com Você*. Foi algo que me chegou pela literatura, por conta de gostarem dos contos de *Subterfúgios Urbanos*.

Maureci Almeida – Em uma entrevista concedida à apresentadora Maria Clara Bertúlio da TV Assembleia/MT, em 2022, você afirmou que o audiovisual pode mudar vidas. Essa afirmação é muito instigante. Poderia discorrer mais sobre essa questão? Teria exemplos para citar?

Wuldson Marcelo – Acredito em um movimento duplo: no processo de fazer cinema, sendo diretor, roteirista, técnico de som, etc., e de se ver no cinema, de ter sua história contada, de se conhecer e reconhecer-se. Nesse aspecto, o cinema é uma ferramenta política, sociocultural e transformadora. Cinema é uma arte cara, mas possível, pois antes de ser entretenimento, ser um mercado, é arte. E mesmo na precariedade, cria-se algo, conta-se uma história, revelam-se vidas. Temos casos de cursos, de produções que envolveram e envolvem jovens em favelas e aldeias, e desse contato com a câmera, com o meio de produção audiovisual, surgiram cineastas, roteiristas, diretoras e diretores de fotografia. Essa é uma forma de mudar uma vida. Ou de uma mulher, moradora de rua, que começou a correr, tornou-se uma corredora de provas de rua, ao assistir “Carruagens de Fogo”, um dia, na TV de uma loja de eletrodomésticos. Esses são modos de criar caminhos para as pessoas descobrirem algo, que se tornam desejo e impulso que contribuam com o desenvolvimento de suas potencialidades.

4 - Coletivo Negro Quariterê, Religiões de Matriz Africana, enfrentamento ao Racismo Estrutural, considerações finais

Revista de Letras Norte@mentos

605

Maureci Almeida – Quais foram os caminhos que o conduziram para o Coletivo Negro Quariterê? Desde quando você é membro do coletivo?

Wuldson Marcelo – Sou um dos membros fundadores, em 2017. O Coletivo nasceu a partir de dois eventos. No final de 2016, houve a 1.^a Mostra de Cinema Negro, organizada pela Secel – Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso. E foi muito problemática, com sessões com título como *Deu Branco: Filmes de Cineastas Brancos com Atores Negros* e uma mesa de debate formada apenas por pessoas brancas, contempladas em editais. Evidentemente, gerou revolta nos de representação da comunidade negra. Após reunião com a Secel, e atendendo o desejo do movimento negro e de representantes das religiões de matriz africanas, um grupo contribuiu com a Secel para rever a programação, e eu fui uma dessas pessoas convidadas. No ano seguinte, houve a *Oficina de Cinema Negro*, ministrada pelo professor Celso Prudente e com a participação de profissionais negros do audiovisual e entusiastas do cinema. Ali nasceu o desejo de nos reunir, conversar e descobrir meios e métodos de fazer cinema e discutir a nossa presença no mercado e políticas públicas para o setor. Hoje, o coletivo se tornou um *aquilombamento*, com a presença de indígenas, e, em 2021, fundamos o Instituto Quariterê, que é uma associação a ser formada por negros e indígenas, como era o quilombo liderado por Tereza de Benguela.

Maureci Almeida – Quais são as influências do Quariterê na sua criação literária e na realização de suas produções audiovisuais?

Wuldson Marcelo – Na literatura, tem muito peso no novo livro, que são minicontos nos quais o protagonismo negro é evidente, é nomeado, tudo aparece de modo claro, sem subterfúgios. O racismo é enfrentado abertamente, a cultura afrodescendente, a miscigenação, a violência, o amor afrocentrado, etc., são temas. Muito disso é influência dos meus seis, quase sete anos de ativismo no *aquilombamento* Quariterê. Em breve será lançado “Aqui jaz a Melodia”, meu primeiro filme classificado como cinema negro, no qual compartilho a direção com Juliana Segóvia. A partir dessa experiência, penso o cinema como um espaço para debater assuntos relacionados à vida da cidadã e do cidadão negro deste país, assim como imaginar o protagonismo negro em qualquer gênero cinematográfico e história a ser contada.

Maureci Almeida – Em seu documentário: *Kintê - ou Quando meu pai me ensinou o ABC do Mundo (2021)*, teve um enfoque, em minha perspectiva, do Candomblé e do mestre Kintê, como potências decoloniais e elementos de resistências à ideologia do branqueamento. Nesse sentido, qual seria sua relação com as religiões de matriz africana? Como elas se inserem na sua visão de mundo e na sua produção artística?

Wuldson Marcelo – Em *Aqui jaz a Melodia*, tem como protagonista um homem negro, na casa dos 60 anos, que é candomblecista. O filme estreia em 2023, mas a história do roteiro data de 2016. Desde então venho lendo, pesquisando, conversando com babalorixás e ialorixás, amigos que vivem as religiões de matriz africana. Depois veio Kintê e a oportunidade de registrar uma família ligada à história do candomblé em Mato Grosso. Eu não sou praticante, mas tenho o máximo respeito, e é um respeito vinculado à minha ancestralidade, à nossa ancestralidade. As religiões são um espaço de resistência, preservação e reconhecimento da cultura afro-brasileira, em todos os sentidos.

Maureci Almeida – Wuldson, na sua percepção como cidadão, intelectual e artista negro, quais seriam as estratégias de enfrentamento à problemática racial existente no Brasil? A arte, a imprensa, a educação, a política e a sociedade civil organizada poderiam realizar quais ações nesse cenário de racismo estrutural no qual a sociedade brasileira está mergulhada? Sei que é uma questão muito ampla. No entanto, seria relevante saber sua posição diante disso, mesmo que realizada em uma síntese.

Wuldson Marcelo – É preciso uma educação antirracista e ações antirracistas, com pessoas negras ocupando os espaços de poder, os espaços de decisão. O racismo é um projeto político no Brasil, então somente um projeto político para combatê-lo. É preciso criar oportunidades para os jovens negros terem o seu primeiro emprego, assim como é fundamental investir pesado na base, na educação infantil, com escolas públicas muito bem equipadas e professores remunerados de modo justo. Não haverá uma democracia plena enquanto o racismo estrutural estiver presente nas instituições e nas relações sociais. Não pode haver tolerância com o intolerante; por isso, é preciso ter leis firmes contra o racismo, sem desculpas e sem classificar como injúria, que acaba por ser um subterfúgio jurídico para não punir ninguém por racismo.

Maureci Almeida – Gostaria de encerrar nosso diálogo agradecendo sua disposição em falar de você, suas produções artísticas e do engajamento nas questões que envolvem a problemática racial. Foi muito importante suas reflexões acerca dessa temática. Mas enfim, chegamos ao término. Obrigado por sua entrevista, meu amigo. Se desejar, poderá fazer suas considerações.

Wuldson Marcelo – Eu agradeço a oportunidade de contar a minha história, de refletir sobre minhas produções e o ativismo político. Acredito muito no “nós por nós”, no trabalho coletivo e de investir em sonhos. Enquanto eu puder construir uma trajetória de luta e conquistas, vou me esforçar para criar espaços, oportunidades para os nossos. A arte tem um papel essencial no que tange à reflexão sobre os passos que nos conduziram para um determinado rumo, assim como pensar e alterar o presente e construir um futuro melhor para todas, todes e todos.

Maureci Almeida – Desejo muito sucesso em seu caminhar. Mais uma vez, muito obrigado pelo diálogo.

Recebido em: 23/10/2023

Aceito em: 20/01/2024